

## 1. MANUEL VICENTE – *Há muita coisa que se perdoa, em nome da beleza!*

Manuel Vicente nasceu em Lisboa, em 1934. Diplomado em Arquitectura pela *Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa* e *Master of Arts* pela *Universidade de Pennsylvania*, em Filadélfia, onde frequentou a classe de Louis Khan, o seu trabalho profissional tem-se espalhado por lugares tão diversos como Goa, Macau, Funchal ou Lisboa.

Foi responsável, em 1983, com José Daniel Santa-Rita, pela obra de reconstrução e recuperação da *Casa dos Bicos* e, mais recentemente, elaborou o *Plano de intervenção urbanística para a zona da Baía da Praia Grande*, no centro de Macau, actualmente em execução.

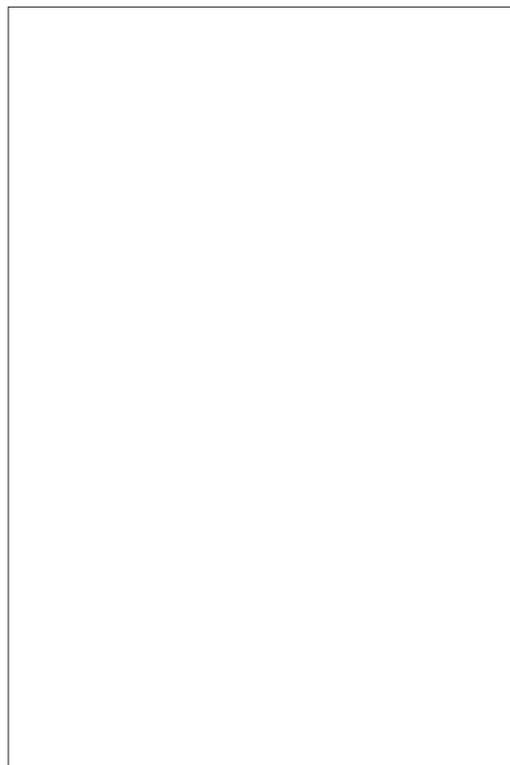
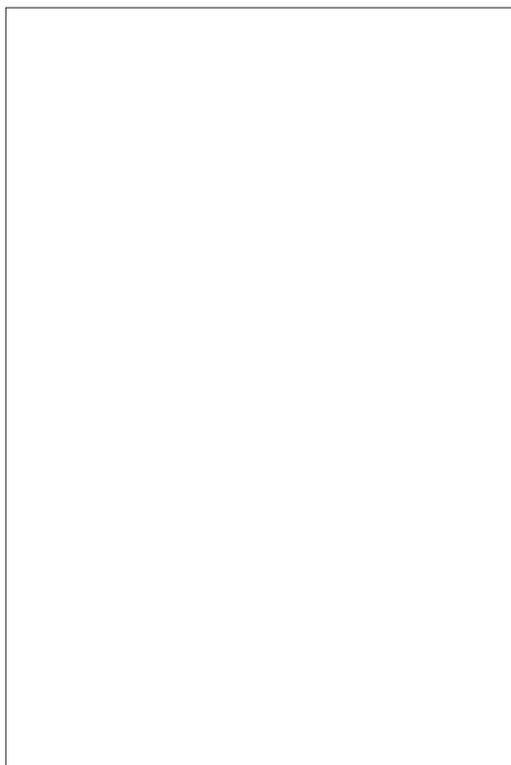
Com o *atelier* repartido entre Macau e Lisboa, Manuel Vicente, que é professor honorário da Universidade de Hong Kong, foi galardoado com o *Prémio Nacional de Arquitectura da AICA/SEC*, em 1987 e convidado, no ano seguinte, a apresentar a sua candidatura ao lugar de reitor da *Escola de Arquitectura da Universidade do Estado de Nova Iorque*. Em 1995 recebeu o prémio *UIA/ARCASIA*, atribuído ao conjunto de habitação social *Fai Chi Kei*, em Macau.

Começámos, por sugestão do nosso entrevistado, numa travessa da zona de *S. Mamede*, em Lisboa.

O nosso passeio fluiu, através de uma manhã de quase Primavera, por essas pequenas ruas da encosta do *Príncipe Real*, olhando testemunhos arquitectónicos de várias épocas e diferentes qualidades.

Atravessámos, depois, a *Rua do Século*, a *Calçada do Combro*, o *Largo Camões*, deixando o olhar certificar-se do Tejo ao fundo da *Rua do Alecrim*.

Cruzada a zona do *Cais do Sodré*, terminámos a pequena viagem no *Largo de S. Paulo* com a conversa a crescer até Veneza, à *Praça de S. Marcos*.



Referiu o *charme* desta zona; fica a dever-se a quê? Há aqui uma topografia complicada, é uma zona onde é difícil andar a pé, os passeios são estreitos, não há árvores que amenizem o Verão; para o comum dos lisboetas são ruas sem grande história; mas, em todo o caso, o *charme* existe...

M.V. — Eu acho que é um sítio muito vivo! Nós estamos aqui parados, nesta esquina da *Rua do Noronha* com a *Rua do Arco a S. Mamede* e, repara, estamos já com dois Cassianos Brancos ali à direita!

Não é só um?

M.V. — Não! São dois e isso é que tem graça: há uma ligeira e subtil variação entre um e outro! São dois lotes distintos, têm números diferentes, o próprio desenho não é igual. Repara, estás a ver? Há subtis...

Há uma adaptação não é?

M.V. — Há subtis... variações!

Uma varanda mais comprida de um lado...

M.V. — É «o tema-e-variações». Este tem uma coisa corrida em cima das janelas; será, eventualmente, um bocadinho mais pobre que o outro. Repara que o outro tem mais detalhe, mais pormenor; eu acho que este é nitidamente mais pobre em termos de custo, de construção, mas o desenho é perfeitamente relatado e faz essas piscadelas de olho, com ligeiras distorções, ligeiras modificações.

Os edifícios tiram também partido da inclinação da rua.

M.V. — Tirando partido da inclinação da rua, claro!

Os pisos interiormente variam...

M.V. — É um prédio que faz parte desta rua, completamente ligado a ela.

A seguir, tens um daqueles edifícios com origem incerta mas que normalmente resultam de assentamentos rurais que terão sido posteriormente acrescentados — se olhares para o andar de cima percebes logo que foi acrescentado, já tarde, no século XIX; depois este, aqui, de anos cinquenta; depois uma casa apalçada ou «apalhaçada», como se costuma dizer; depois este, o esplendor dos anos sessenta, com azulejos, com esta modificação toda, com estes mosaicos aos bicos!

•

M.V. — Se te pedissem: «faça um prédio com as características dos prédios da *Rua do Arco a S. Mamede*» a resposta teria que ser, forçosamente, uma coisa diferente disto tudo porque a única «característica» do sítio é *todos* os prédios serem diferentes uns dos outros!

•

M.V. — Ao mesmo tempo que se faziam edifícios mais carregados de cantaria, mais caros, mais luxuosos, na *António Augusto de Aguiar*, faziam-se os da *D. João V*

que são *menos* luxuosos. Se reparares, o modelo é o mesmo mas o luxo — e com certeza os apartamentos também serão mais pequenos — o luxo, diminuiu. Se formos comparar estes dois prédios que vimos do Cassiano Branco com coisas que ele desenhou para a *Álvares Cabral*, casarões em «L» com grandes corredores, com suites, com salas à frente, simpatiquíssimas e ótimas, com *bow-windows* etc., verificamos que ele também trabalhava para diferentes sectores da imobiliária.

•

M.V. — O problema da habitação, nesta área, no contexto de cada época e de cada quadro sócio-económico, teve sempre, mais ou menos, uma constante: dirigia-se a uma média-burguesia de quadros, com recursos. Não era propriamente habitação de luxo; era habitação média, onde as pessoas podiam viver discretamente, de acordo com as suas posses!

•

M.V. — Quando isto começa a ser investido de outras preocupações do tipo «tem que parecer antigo», quando os *universitários* se começam a meter nessas coisas, acontece o mesmo que aconteceu à revista do *Parque Mayer*, nos anos sessenta: assim que aquilo começou a meter «doutores»... Isto é muito a mesma coisa: assim que isto começa a meter doutores e historiadores... E digo isto com todo o respeito, grandes equipas de trabalho que tenho feito, têm tido sempre colaborações multidisciplinares variadíssimas: arqueólogos na *Casa dos Bicos*, arqueólogos em Macau, nas *Ruínas de S. Paulo*, historiadores, etc.; não sou um homem com a mania que tudo se resolva pelo desenho ou que o desenho tenha respostas para tudo ou que o desenho, sequer, saiba fazer as perguntas todas que há a fazer face a uma situação; mas há coisas onde, obviamente (isto vai cair muito mal), nem sequer são precisos arquitectos, quanto mais uma data de doutores (risos)!

São ruas onde é difícil estacionar; por vezes os lotes são tão pequenos que se torna quase impossível ter uma garagem conveniente e, no entanto, a zona continua a ser atractiva. A situação de bloqueamento a que estamos a assistir agora, por exemplo: vamos virar para a *Rua do Arco* e está tudo cheio de carros, temos que fazer uma pequena